

**MARIO BENEDETTI E AS FRONTEIRAS INVISÍVEIS:
A IMPOSIÇÃO DOS LIMITES EM *LA TREGUA* E *LA BORRA DEL
CAFÉ***

Natalia Ruggiero COLOMBO
(Orientador): Prof. Dr. Francisco Foot Hardman

RESUMO: O presente trabalho leva em consideração a idéia de que é possível observar no conjunto da obra do uruguaio Mario Benedetti dois momentos de temáticas distintas e, a partir disso, se propõe a analisar o romance *La Tregua*, do primeiro momento e *La borra del café*, do segundo momento. Esta análise defende a idéia de que, em ambos, os personagens estão fatalmente submetidos a uma condição de não-liberdade tanto física quanto emocional, apesar da diferença entre as situações retratadas em cada momento – a monótona rotina cotidiana do próprio país, no primeiro, e a condição da vida no exílio e suas consequências, no segundo.

Palavras-chave: Literatura hispano-americana, Literatura Uruguia, Mario Benedetti.

Introdução

Durante o primeiro semestre do ano de 2008, foi desenvolvido o trabalho de iniciação científica na área de literatura hispano-americana, *Mario Benedetti: uma apresentação*, que buscou, como o próprio nome diz, traçar um panorama que apresentasse a vida e a obra do autor Mario Benedetti ao Brasil, pautando-se em informações e considerações convenientes para aqueles que estabelecem um primeiro contato com o autor. Como justificativa, partiu do pressuposto de que o autor uruguaio ao contrário do que ocorre em muitos países de fala hispânica como México, Argentina, Espanha e Uruguai, ainda é muito pouco conhecido, lido e estudado no Brasil. Compreende-se, portanto, a partir desta informação, a pertinência de um trabalho que desempenhasse a função de mediador e fizesse as apresentações formais do escritor ao nosso país.

Feitas as devidas apresentações, como continuação do anterior, este trabalho pretende partir para o estudo de certos aspectos da obra do autor em si, o que vai ao encontro da idéia inicial de torná-lo mais conhecido e estudado em nosso país. Além disso, dá continuidade à proposta de defender um argumento consistente que justifique a afirmação de que Mario Benedetti é um nome que não pode faltar na lista de autores latino-americanos imperdíveis, usando, para isso, seus textos como ferramenta.

Diante do amplo leque de temas, que abre muitas possibilidades de estudos sobre a obra benedettiana, o que se pretende aqui é apresentar e discorrer sobre a maneira como, constantemente em sua obra, o autor impõe limites a seus personagens e sobre a natureza destes limites, que curiosamente figuram nos dois momentos de sua produção: o período de produção *oficinesca*¹, e o período de produção pós-exílio, que serão melhor detalhados adiante. Será abordada a maneira como Benedetti mostra, no panorama geral de seus romances, que as questões relativas à liberdade e identidade estão intimamente relacionadas, e que a perda da liberdade pode se dar tanto decorrente da condição física e geográfica, no caso do exílio, por exemplo, quanto de uma problemática emocional cotidiana, responsável por instaurar as fronteiras invisíveis. Para a defesa e exemplificação desta interpretação, serão trabalhados dois romances: *La tregua* (1960) e *La borra del café* (1992).

Dois momentos em Benedetti

Mario Benedetti iniciou a sua carreira literária, no ano de 1945, com a publicação do livro de poemas *La vispera Indeleble*, e continuou em um ritmo acelerado nesta produção, ativa até os dias de hoje. Depois de sua publicação inaugural, lançou *Poemas de la Oficina* (1956), o romance *Quien de nosotros* (1953) e a obra teatral *El Reportaje* (1957), convertendo-se em um dos escritores uruguaios mais vendidos e bem vistos pelos críticos.

O ano de 1960 também é um marco para o sucesso de sua carreira, pois publica o romance *La Tregua*, seu livro mais vendido que possui cerca de 130 edições e tradução para 23 idiomas, e o polêmico ensaio *El País de la Cola de Paja*, que será abordado adiante mais detalhadamente, no qual Benedetti faz uma crítica à sociedade uruguaia com a idéia de que o Uruguai *es un país con mentalidad de oficina pública*². As idéias deste ensaio se estendem ao que pode ser chamado de um primeiro momento na obra de Benedetti que, durante muitos anos, dividiu seu tempo entre a literatura e o trabalho de empregado público nas repartições públicas da cidade, ocupação da maioria dos montevidanos de classe média da época. Esta temática aborda a atmosfera cinza frustrante e a rotina monótona no trabalho e na vida pessoal do homem médio montevidano, com seus vícios, virtudes, sofrimentos e esperanças, e se faz muito freqüente nas primeiras obras produzidas por Benedetti. Eduardo Nogareda, estudioso do autor, denomina este momento de *Período oficinesco* e afirma que ele

¹ Termo que faz referência ao tema recorrente das oficinas públicas, repartições públicas em português, utilizado por Eduardo Nogareda em: NOGAREDA, E. (1989). “Introducción” a *Mario Benedetti, La Tregua*, Ed. Cátedra. Madrid.

² *Idem*

começaria com a publicação de *Poemas de Oficina*, em 1956 e terminaria no ano de 1969, quando o autor começa a enfrentar um período marcante de conflitos políticos que acabam por refletir e dar nova roupagem à sua obra. Sob esta perspectiva, o período *oficinesco* engloba, então, a publicação de *Poemas de la oficina* (1956), que constitui a base de sua literatura humanista; *Montevideanos* (1959), compilação de contos de mesma temática; o romance aqui analisado *La Tregua* (1960), *El país de la cola de Paja* (1960) e *Gracias por el fuego* (1963).

No ano de 1971, o autor publica seu quarto romance, *El cumpleaños de Juan Ángel*, considerado uma de suas obras fundamentais. Inaugura-se, assim, aquilo que se pode chamar de um segundo momento na obra de Benedetti, em que as questões políticas da ditadura na América Latina figuram fortemente. A partir de 1973 a experiência do exílio do autor e o contexto da ditadura na América Latina passam a influenciar sua obra, porém em um tom muito mais psicológico que descritivo, ou seja, a dimensão daquilo que os fatos implicam, tal como os dramas pessoais decorrentes da situação do exílio, interessam muito mais que a narração dos fatos por eles mesmos. Sendo assim, em 1977 é publicado *La casa y el Ladrillo*, livro de poemas, *Con y sin Nostalgia*, contos, e *El recurso del supremo patriarca*, crítica literária que aborda o tema do escritor latino-americano no contexto do subdesenvolvimento.

Mesmo durante o período em que esteve exilado, de 1973 a 1984, Benedetti continuou escrevendo sobre o tema. Em 1982 escreve *Primavera con una esquina rota*, pelo qual recebeu o Premio Llama de Oro de Amnistia Internacional, no ano de 1987. Neste livro já se encontram menções ao *desexílio*, temática que dominará sua produção após a experiência pessoal do autor da volta à liberdade, que se efetiva em 1984.

Em 18 de Abril de 1983, três anos depois de receber a notícia do resultado favorável de um plebiscito decisivo para a ditadura, Benedetti publicou um artigo no jornal espanhol *El País*, falando sobre a necessidade da criação de uma palavra que expressasse o sentimento do fim do exílio, da volta à liberdade e expectativas em relação ao reencontro com as pessoas e o país de origem. O termo *desexílio*, neologismo do autor, exemplifica bem a faceta do tema político que predominará em suas obras daí por diante. Como obras em que a variedade de sensações trazidas pela volta ao país começam a figurar nas entrelinhas ou são o ponto central encontra-se o segundo romance sobre o qual este trabalho se debruça, intitulado *La borra del café* (1992), e *Andamios* (1996), cujo título é uma metáfora a respeito da reconstrução democrática do Uruguai, necessária após o período de ditadura.

El país de la cola de paja

*Podría afirmarse que El país de la cola de paja denuncia el funcionamiento del encubrimiento, que es una actitud colectiva caracterizada por la negligencia, el oportunismo y la culpa*³.

A *Real Academia Española* foi fundada em 1714 como um órgão que se propõe, até os dias de hoje, a fixar a pureza da língua espanhola. A instituição, que possui sede em Madri, é composta de estudiosos da língua provenientes de todas as nações de fala hispânica e cataloga em seus dicionários as palavras e expressões oficialmente consideradas (de acordo com os critérios internos) pertencentes à língua espanhola. Em seu dicionário *online* a expressão *cola de paja* aparece como típica do Uruguai e sinônimo de *remordimiento*, remorso em português. Em fóruns da internet nos quais falantes de espanhol discutem o significado da expressão, *tener cola de paja* adquire o sentido mais específico de possuir sentimento de culpa por algo, ser autor de uma acusação contra si mesmo ainda que não seja acusado por terceiros e, também, ter algo a esconder.

Em 1960, Mario Benedetti publicou seu polêmico ensaio *El país de la cola de paja*, no qual, acusando o país de *tener cola de paja*, se propôs a fazer uma análise social e política da realidade uruguaia daqueles anos e, mais do isso, uma forte crítica aos seus cidadãos compatriotas, ao governo e aos intelectuais, afirmando que o Uruguai *es un país donde todos se sienten culpables de algo y por eso nadie lucha para esclarecer ninguna situación, usufructuando de una especie de complicidad colectiva*⁴.

Nele, Benedetti acusa o Uruguai de ser regido por um governo que distorceu a sua conduta ao longo dos anos, perdeu seus valores, passando a ser caracterizado como um governo desonesto e hipócrita, no qual *La democracia (...), más que una tersa, pulida superficie, es una cáscara, nada más que una cáscara. Por debajo de ella, está la corrupción: la grande y la chica. La gran corrupción del hombre de gobierno que propicia tantas disposiciones como necesita el negociado de sus amigos, y la pequeña corrupción (una especie de limosna de lujo) del aprovechado aprendiz de cretino que negocia con los pobres diablos que intentan jubilarse*⁵.

Nota-se no ensaio, também, a busca constante por chamar a atenção dos cidadãos e fazê-los reagir diante da acusação de que o Uruguai é uma nação de pessoas submissas, que fingem não enxergar o governo que possuem e que

³ ARTOLA, M. G. N. (2004). “Un paradigma de propuesta crítica: El país de la cola de paja”. *Espetáculo Revista de Estudios Literarios*, n. 26.

⁴ NOGAREDA, E. (1989). “Introducción” a Mario Benedetti, *La Tregua*, Ed. Cátedra. Madrid. P.18.

⁵ BENEDEI, M. (1966). *El país de la cola de paja*, Ed. Asir, Montevideo.

tiveram os problemas deste, estendidos às suas vidas pessoais: *A burocracia super desenvolvida, a falsa moralidade nas transações públicas e privadas, os sacrifícios que um amplo setor da população deve realizar para viver com decência, levaram à conseguinte problemática nas relações familiares, nos conflitos humanos além da existência dos seres que sustentam valores morais artificiais e que não complementam suas necessidades individuais*⁶.

Na época em que foi lançado, apesar de ter sido muito atacado por boa parte da crítica, que o considerou *un libro de sociología mal hecho*⁷, o livro foi muito bem recebido pelo público e em 1973 já havia alcançado o número de oito edições publicadas: *Nós compramos esse livro porque somos masoquistas: gostamos de que nos doa a verdade, gostamos de nos ver retratados e não poder fazer nada, exceto dizer: Tchê, como o Benedetti pinta bem a situação! Que mal estamos!*⁸, afirmou um dos editores de *El país de la cola de paja* em uma entrevista na qual busca explicar o sucesso editorial do livro.

Os problemas denunciados neste ensaio se estendem à obra ficcional do autor e constituem o germe do que seria tratado mais diretamente durante os primeiros anos de sua produção literária. O conhecimento da publicação deste ensaio e as idéias que apresenta, também se faz necessário para o entendimento da importância para o autor de abordar o tema do cotidiano e o aprisionamento e acinzentamento da rotina em que vivem seus personagens montevideanos.

Os limites da rotina em *La Tregua*

Publicado no mesmo ano em que o ensaio anteriormente discutido, *La Tregua* pode ser caracterizado como o romance de Benedetti que talvez melhor, e mais explicitamente, illustre as idéias lançadas em *El país de la cola de Paja*. Nele o leitor acompanha a rotina de Santomé, que trabalha como funcionário público há anos e espera ansiosamente a data próxima em que poderá aposentar-se. A narração é escrita em primeira pessoa, em forma de diário pessoal, o que faz com que tenhamos contato com os sentimentos e impressões íntimas que o personagem possui diante da vida.

Santomé é um viúvo que após a morte de sua mulher passou a viver exclusivamente para o trabalho, já que os filhos estavam crescidos. Esta dedicação exclusiva talvez seja o que faz com que o personagem trace um objetivo único para sua vida, também relacionado ao trabalho: aposentar-se. Assim, seu relato nos leva a percorrer as ruas de Montevidéu em direção à

⁶ VOLPE, M. L. (2005). *Geografías de exílio*, Editora UFJF, Juiz de Fora. P.75.

⁷ NOGAREDA, E. (1989). "Introducción" a *Mario Benedetti, La Tregua*, Ed. Cátedra. Madrid. P.18.

⁸ VOLPE, M. L. (2005). *Geografías de exílio*, Editora UFJF, Juiz de Fora. P.75

repartição pública, que são sempre as mesmas, a conhecer as pessoas com quem ele cruza diariamente, o horário de levantar-se, o horário de chegar ao trabalho, o horário do café, o horário de ir para a casa. Desta maneira as amarras da rotina vão se apresentando relacionadas ao tempo, e os acontecimentos na vida de Santomé se apresentam obedecendo à repetição dessas constantes diárias. Interessante notar que principalmente os domingos no diário de Santomé se restringem a poucas linhas e, às vezes, são inclusive pulados, como se fossem dias não vividos, já que são dias em que o estaria livre das obrigações rotineiras.

O personagem tem a sua trégua ao conhecer Laura Avellaneda, mulher muito mais jovem, por quem se apaixona e que muda a maneira como Santomé leva e enxerga a vida. Ao viver essa paixão fica a impressão de que se liberta, mesmo que continuando a cumprir todas as obrigações diárias daquela atmosfera cinzenta e monótona na qual vivia. Passa a frequentar novos lugares, traçar planos e a preencher seus domingos com as horas de amor com Avellaneda no apartamento que alugou para este fim. Porém, como representativo da frustração da vida cotidiana da qual, segundo a visão pessimista de Benedetti a classe média uruguaia não pode fugir, o autor coloca no caminho do personagem um novo fato, que porá fim a sua trégua: a morte de Avellaneda. Resta a Santomé, então, contar os dias até a sua aposentadoria. Finalizando o livro, fica a questão sobre o que fará depois o personagem, sem a liberdade que o amor lhe havia concedido e sem as ocupações fixas que a rotina lhe impunha: *Me siento simplemente desgraciado. Se acabó la oficina. Desde mañana y hasta el día de mi muerte, el tiempo estará a mis ordenes. Después de tanta espera, esto es el ocio. Qué haré con él?*⁹. Nas últimas linhas, Benedetti deixa explícito nas palavras de Santiago o pessimismo que assombra todo o romance, já anunciado em *El país de la cola de paja*.

Um olhar geral para a novela possibilita notar que todos os personagens possuem o denominador comum da decadência e da frustração, não só cada um deles pessoalmente, como também na relação entre eles e de cada um deles com o funcionamento social, como se o fracasso se impusesse a toda aquela sociedade: Isabel, a esposa morta de Santiago, pouco a pouco vai tendo sua lembrança fragmentada e distanciada na memória do marido que, após tantos anos de ausência da mulher, não consegue evitar o esquecimento; Blanca, a filha mais velha de Santomé, vive com o temor de que sua vida acabe igual a de seu pai; Esteban, o filho do meio, por sua vez, se mostra desencantado em relação à vida profissional e se acomoda em um emprego de funcionário público que paga pouco e não oferece oportunidade de crescimento; Jaime, o filho mais novo que Santomé confessa ser seu preferido, se revela homossexual, fato que contradiz todas as expectativas paternas; Por fim, Avellaneda, a

⁹ BENEDETTI, M. (1989). *La Tregua*, Ed. Cátedra, Madrid. P.255.

personagem que durante muitas páginas do romance se apresenta como aquela que se salva do fracasso e da comodidade, sofre uma morte prematura e repentina.

Outro aspecto que pode ser notado durante a leitura da obra é o fato de que em *La tregua* as ações parecem não progredir ou que haja um constante fenômeno de progressão e regressão nelas, dando a sensação de que as coisas não caminham, não progridem, assim como a sociedade uruguaia.

O pertencimento e a identidade em *La borra del café*

Após viver exilado durante 12 anos, em 1985, após ser restaurada a democracia no Uruguai, Mario Benedetti regressou a seu país. Sete anos depois, em 1992, publicou aquele que seria por ele considerado seu melhor romance. *La Borra del café* é, como afirmam muitos estudiosos de sua obra, e também o próprio autor, um romance de alto teor autobiográfico no qual o escritor uruguaio, por meio do personagem Claudio, regressa à Montevideu de sua infância e expõe as sensações que o descobrimento da cidade e das novidades da adolescência e da fase adulta lhe proporcionaram: *Yo creo que la mejor [novela] que escribí es La borra del café. Es la única que en algún sentido es autobiográfica. O que por lo menos lo es en el envase, pues el protagonista es totalmente inventado pero vive en los barrios donde yo viví.*¹⁰

La borra del café é basicamente um livro de memórias do personagem Claudio que, assim como Benedetti, pertencia a uma família que tinha o hábito de mudar de casas com grande frequência. Sendo assim, o romance percorre os bairros e as casas em que o menino morou, trazendo descrições físicas e emocionais do que cada um daqueles lugares significou para ele. Ao longo da narrativa, o leitor conhece os personagens com quem Claudio se relacionou e os fatos marcantes para seu crescimento, dentre eles a descoberta do cadáver do mendigo Dândi, a morte da mãe, a primeira aproximação erótica com Rita, sua iniciação sexual com Natalia, o segundo casamento do pai, a opção pelo ofício da pintura e os planos de casamento com Mariana.

Com a poesia que é característica da narrativa Benedettiana, a vida de Claudio é contada ao longo de 48 curtos capítulos que se intercalam entre narrações em primeira pessoa, feitas pelo personagem Claudio, e narrações em terceira pessoa, que seguem a lógica das primeiras narrativas e acompanham cronologicamente as ações consequentes de Claudio. Tal mudança de primeira para terceira pessoa se faz de maneira tão sutil que pode passar despercebida pelo leitor menos atento. Os textos em terceira pessoa parecem tão pertencentes

¹⁰ GILIO, M. E. (2008). "Entrevista a Mario Benedetti". *Revista Brecha*.

à memória de Claudio, quanto os de primeira. Com isso, o autor joga com a idéia da lembrança, com a condição instável de distância e proximidade que a memória estabelece com os fatos reais e com o fato de o relato em si também estar condicionado aos limites, às barreiras, que o próprio exercício de lembrança impõe. Por esse elemento, a condição limitada do ser humano, que já havia sido retratada em *La tregua*, começa a dar as caras em *La borra del café*. Porém, neste romance ela adquire uma nova roupagem, que traz questionamentos muito provavelmente advindos da experiência pessoal do exílio pelo qual acaba de passar o autor no momento em que escreve o romance.

O mudar de casa várias vezes, por exemplo, remete à idéia de flutuação, da dúvida sobre o lugar ao qual se pertence, ao sentimento de pertencimento a todos os lugares e lugar nenhum ao mesmo tempo, característico daquele que se encontra exilado em outro país e necessita ali adaptar-se sabendo, porém, que a qualquer momento poderá regressar à sua pátria e que, quando haja o regresso, ela já não será mais a mesma. Tal idéia está representada no romance também por meio da personagem Juliska, *iugoslava que fazia parte de uma migração de mulheres eslavas que, fugindo da miséria e de outras ninharias, chegavam de barco a Montevideú nos anos 30*¹¹. Juliska se encarrega dos afazeres domésticos da casa de Claudio após a morte de sua mãe e tem como traço característico a pronúncia de um *espanhol rudimentar, cuja confusão de gêneros desencadeava um involuntário efeito humorístico*¹². A confusão com o idioma denuncia de cara que a mulher não pertence àquele lugar e curiosamente ao longo do romance a pronúncia vai se tornando cada vez mais próxima à dos nativos uruguaios, o que demonstra linguisticamente o processo de adaptação e de aquisição do sentimento de pertencimento ao novo país. No capítulo *Juliska fica triste* esse processo de enraizamento no novo país, que provoca a sensação de pertencer e não pertencer, se torna explícito quando Claudio encontra a empregada chorando no pátio de sua casa: (...) *Mas, de repente (naquela mesma tarde, ela não sabia por quê), sentira uma saudade terrível da sua terra. Quis relembrar o gosto das frutas silvestres, o cheiro do campo quando anoitecia, o rosto de sua mãe, o canto do rouxinol, as ondas verde-azuis do lago Skadar, o firmamento como um teto.. Banzo típico, diagnostiquei. 'Aqui também tem céu', tive necessidade de esclarecer. 'Ah, sim', balbuciou, 'mas estrelas demais. Não parece teto. Parece teatro.*¹³ Quando Claudio pergunta se ela gostaria de voltar a seu país, a empregada responde sem mais delongas: *Voltar? De jeito nenhuma. Se voltar eu ficar com muito saudade da Uruguai, todos vocês bonzinhas comiga saudades dos praios, meu família em Las Piedras*¹⁴, no dia

11 Benedetti, M. (1998). *A Borra do Café*, Ed. Record, Rio de Janeiro.P.57.

12 *Idem*

13 *Idem*. P. 152

14 *Idem*

seguinte a iugoslava já estava cantarolando durante o café da manhã, como fazia todos os dias.

A sensação de pertencimento também está presente a todo momento no relato de Claudio que considera a casa de Capurro como a mais especial, a primeira que lhe proporcionou o sentimento de ter um lugar para chamar de seu. Ali ele teve seu primeiro quarto próprio, seu próprio mundo e, além disso, aquela casa proporcionava um pertencimento também ao âmbito familiar, pois em Capurro a mãe ainda estava viva e eles moravam perto de primos e dos avós. Quando Claudio precisa mudar-se de Capurro, e, conseqüentemente, mudar seus trajetos, suas rotinas, o círculo de pessoas com quem convivia, ele se dá conta de que vivia em uma espécie de exílio naquele bairro *eu me sentia cativo de minha infância em Capurro. Era um exilado de Capurro*.¹⁵ Ou seja, a própria sensação de pertencimento ao lugar que é seu, implica em certo tipo de aprisionamento.

Segundo os tradutores do romance para o português, em *La borra del café* o autor *agarra-se ao passado como se fosse a vida em si, e o faz, metaforicamente, sem sair desse exílio em que vive e que nunca abandona*.¹⁶ É importante ressaltar que neste, que pode ser chamado livro de memórias, Benedetti retrata não o Uruguai de 1992, ano em que escreve, mas sim o Uruguai dos anos 30, época em que viveu sua infância e adolescência. Este fato, somado à dados biográficos do autor, permite a interpretação de que o romance seria uma viagem ao passado em busca de sua própria identidade. Porém, como próprio autor afirma, no romance tais fatos são vividos não por ele, mas pelo fictício Claudio. Além disso, a construção da ficcionalidade no romance conta também com a marcante atuação da personagem Rita, a misteriosa menina da figueira. Ela aparece pela primeira vez na infância do personagem e se torna o elemento comum entre o passado, o presente e o futuro de Claudio. Ela é a lembrança viva, que vai e volta, que aparece e desaparece em passagens misteriosas que envolvem o leitor ainda mais na trama. Rita é um elemento importante em meio ao tom autobiográfico do livro pois figura como estratégia narrativa, provando que este não é simplesmente um livro de memórias relatadas.

Considerações finais

A escolha destes dois romances para a abordagem do tema proposto não foi aleatória. Ambos diferem significativamente entre si em relação à época em que

15 *Idem* p. 154

16 *Idem*.

foram escritos: *La tregua* em 1960, antes do exílio do autor, e *La borra del café* em 1994, depois do exílio. Isso nos permite perceber que desde o principio de sua produção literária e mesmo depois de ter se mantido exilado durante tanto tempo, Benedetti continua a abordar no segundo romance aquilo que se constitui como temática principal no primeiro: uma forma de aprisionamento que não a do exílio. Tal constatação deixa claro que o tema da liberdade, sobre o qual este trabalho trata, não figura como algo pontual, e sim, como uma temática abrangente na obra do autor.

La borra del café é o primeiro romance escrito após a volta de Benedetti ao Uruguai e é interessante notar que, talvez porque não estivesse ainda preparado para escrever diretamente sobre a volta do exílio, Benedetti opta por escrever algo diferente do que vinha produzindo nos anos em que esteve exilado e faz um livro de memórias, de alto teor autobiográfico, sobre o descobrimento daquela cidade que, em sua vida pessoal, está redescobrendo no ano em que escreve o romance. Porém, como não poderia deixar de ser, figuram nesta obra questões sobre identidade e pertencimento relacionadas também com a condição do exilado, o que mostra que os anos fora do país mudaram algo em sua produção, já que em *La tregua* tais temas não são explícitos.

Sendo assim, ao levar-se em conta, produções também do segundo momento, como *Primavera con una esquina rota*, nas quais ocorre que o exílio político é tema central e explícito, é possível classificar *La borra del café*, romance no qual isto não ocorre, como uma obra de transição (temática e não cronológica) entre os dois períodos da produção Benedettiana. Isto torna o romance um perfeito objeto para a demonstração da notável constante que é a presença do fantasma da liberdade/aprisionamento nas linhas e entrelinhas de toda a produção do autor.

Referências Bibliográficas:

- ARTOLA, M. G. N. (2004). “Un paradigma de propuesta crítica: El país de la cola de paja”. *Espetáculo Revista de Estudios Literarios*, n. 26.
- BENEDETTI, M. (1989). *La Tregua*, Ed. Cátedra, Madrid.
- _____. (1998). *A Borra do Café*, Ed. Record, Rio de Janeiro.
- _____. (1968). *Sobre Artes y Oficios*, Ed. Alfa, Montevideo.
- COUTO, J. G. “Antonio Candido fala sobre suas obras e a relação com outros escritores” *Folha de São Paulo*, Ilustrada, 28/05/2002.
- GILIO, M. E. (2008). “Entrevista a Mario Benedetti”. *Revista Brecha*.
- NOGAREDA, E. (1989). “Introducción” a *Mario Benedetti, La Tregua*, Ed. Cátedra, Madrid.
- VOLPE, M. L. (2005). *Geografías de exilio*, Editora UFJF, Juiz de Fora.
- _____. (2005) “Escrever o exílio: uma forma de autobiografia”. In: *Simpósio Internacional: Escrever a vida*. Universidade de São Paulo.